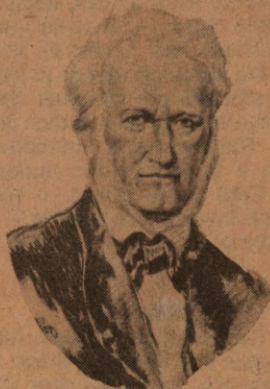


CMP 3.2.4.21

Wagner na Globo: sem conserto

O mundo inteiro comemorou, no ano passado, os cem anos de Bayreuth, o monumental teatro que o alemão Richard Wagner (1813-1883) mandou construir às custas de uma estranha amizade com o rei Luís II, da Baviera especialmente para a execução de suas obras. Assim, o Festival de Bayreuth de 1976 foi mesmo muito importante, pela participação de alguns nomes entre os mais significativos da música e da arte dramática contemporânea, como Pierre Boulez, por exemplo.



Wagner:
aberturas para distrair a platéia

Já no Brasil, a história é diferente. A phonogram lançou há um mês uma luxuosa caixa de dezesseis LPs contendo toda a "Tetralogia" de Richard Wagner. Agora, a Globo investe, também um ano atrasada, sobre aquele que revolucionou o conceito de ópera italiana e, além disso, com seu cromatismo, ajudou a derrubar o edifício da tonalidade. Assim, a Rede Globo, meio confusa em sua programação dos Concertos Internacionais — no mês passado, por exemplo, tirou Villa Lobos, na última hora, colocando Rubinstein e Previn em seu lugar — exibe hoje, às 21 horas, a Orquestra Sinfônica de Chicago, sob a ótima regência do húngaro Georg Solti, tocando as aberturas de quatro óperas wagnerianas.

Infelizmente, porém, o programa escolhido não é dos mais representativos. "Navio Fantasma", de 1841, e "Tannhauser", de 1845, por exemplo, são trabalhos de Wagner ainda

tateante, que não encontrou fórmulas próprias, espalhando-se em antecessores, como Meyerbeer. Talvez por isso, e também pela facilidade de assimilação de que são dotadas, são muito populares.

Em "Tristão e Isolda" e "Os Mestres Cantores de Nuremberg", de 1859 e 1867, respectivamente, já se sentem plenamente os princípios da "obra de arte total" que Wagner não só concebeu teoricamente mas realizou com admirável perícia. O "leitmotiv" — ou marca registrada de cada personagem, que o acompanha por toda a trama da ópera — já se intromete, nota-se a preeminência da orquestra, a grande vedete de sua concepção operística, que substitui os mitológicos astros-cantores italianos.

Há outro defeito, ainda, se mostrar de Wagner apenas as aberturas de óperas. Uma outra escolha incluiria corretamente grandes cenas da Tetralogia, por exemplo: a cavalgada das valquírias; o idílio de Sieglinde e Siegmund; a morte de Siegfried). E que as aberturas originalmente concebidas para se entreter a platéia enquanto os cantores davam os últimos retoques antes de entrar em cena, são quase que divorciadas do restante da ópera. Em Wagner, há a busca manifesta de se estabelecer, na abertura, o microcosmo da trama a ser apresentada.

Mas, em todo caso, a grandeza deste compositor que jamais separou a política de sua música e lutou na Revolução de 1848 está exatamente na maravilhosa maneira com que une todos os participantes de um drama musical — cenários, cantores, orquestra, texto — numa obra de arte que pretendia "do futuro". Mostrá-lo apenas sinfônico distorce o sentido de sua música. Uma arte tão polêmica que suscitou as paixões mais exageradas (de filósofo Nietzsche, durante algum tempo, e de rei Luís II, da Baviera, por exemplo) e ódios absolutamente definitivos (como o do mesmo Nietzsche a partir da guinada mística de Wagner). E que acabou sendo recuperada inclusive pelo nazismo, quando Hitler a elegeu como música oficial de seu "Reich".

João Marcos Coelho